

VISÃO

A CRISE E AS CRISES

por Mário Soares

Quem vê, ouve e lê os nossos meios de comunicação social (televisões, rádios, jornais e internet), verificará que a crise portuguesa é referida à exaustão, diariamente, sem nunca se falar das suas causas nem, menos ainda, dos seus responsáveis. E eles existem e são conhecidos. Também não se liga significativamente a nossa crise à crise global e, principalmente, à europeia. Parece que desde há um mês o principal é o relatório da Troika e o seu cumprimento que, obviamente, é importante. Mas está longe de resolver os nossos problemas. Como se a situação económica global não mudasse, todos os dias, e não tivesse repercussões imediatas na nossa situação nacional, a qual vai mudando também...

Em termos governamentais os mercados especulativos parecem fazer a lei, como se os Estados nacionais - ou os Estados da zona euro - tivessem que obedecer às agências de rating, sem remédio, e não tivessem instrumentos próprios para os dominar. Ora têm. Trata-se apenas da vontade política de quem governa a União Europeia.

Contudo, bastou que a Itália e a Espanha, começassem, a ser atacadas - com as consequências que daí resultarão - para que os espíritos mais atentos se apressem a mudar de critério, a suscitar dúvidas e a reclamar que as instituições europeias abandonem a paralisia em que têm permanecido e tratem de reagir com bom senso. Claro que têm meios para o fazer, se quiserem. Pergunto: quem fabrica o euro (moeda) não é o Banco Central Europeu?... Ora, se for preciso, o BCE pode pôr - quando quiser - a máquina de produzir moeda a trabalhar...

Na verdade, a União Europeia - como os Estados Unidos - têm de compreender que estão sujeitos a um dilema muito sério: ou mudam de paradigma económico, em que têm persistido, nestes últimos anos, ou a crise global os vai atirar para uma irreversível decadência, num mundo de progresso emergente (China, Índia,

Rússia, Brasil, África do Sul, talvez a Indonésia). Mas, para tanto, têm de mudar radicalmente de política, fazendo avançar a União Europeia no sentido federal, com um governo económico, político, e solidário, capaz de se impor na cena internacional.

Quanto aos Estados Unidos, é urgente que abandonem a economia virtual e o capitalismo de casino - e ainda o não fizeram - impondo regras éticas aos mercados e às agências de rating, reduzindo-os à sua insignificância e acabando com os "paraísos fiscais". Quer o Tree Party, goste, quer não. É uma questão de sobrevivência!

Se assim acontecer - como espero - o Ocidente terá futuro; senão, verificar-se-á a decadência do Ocidente, como profetizou Oswald Spengler, no início do século passado...

Portugal, depois da crise política, tem um novo Governo com uma orientação neo-liberal típica e ministros, mais ou menos, inspirados na escola de Chicago. Assim sendo parece terem poucas condições para subsistir muito tempo, porque a evolução da União Europeia vai necessariamente caminhar em sentido contrário. O CDS/PP terá talvez voltado à Democracia Cristã - e,

portanto, à doutrina social da Igreja - porque terá compreendido que o neo-liberalismo estrito nos conduzirá a um beco sem saída.

Assusta-me, assim, que o Governo insista nas privatizações, a qualquer preço, arruinando o património nacional, sem contrapartidas sólidas. A venda do BPN, nacionalizado nas condições que se sabem, e privatizado ainda de maneira mais polémica, julgo ser um péssimo exemplo. Mas o mais grave é que se fala já de outras privatizações: as Águas, inaceitável, que em si mesmas constituem um direito humano comum; parte da Televisão do Estado, outro erro colossal, na medida em que tem sido um instrumento insubstituível da Lusofonia; dos CTT, que dá bons lucros ao Estado; a TAP, destruindo os nossos aeroportos (obrigando-nos a irmos a Angola ou ao Brasil, por via Madrid); a REN; etc. Com tais medidas, não se trata de tirar gorduras ao Estado mas de o destruir, quando mais precisamos dele. Para quê? Para serem vendidas por tuta e meia, a empresas estrangeiras, e sendo algumas delas, curiosamente, estatizadas...

Há um mês só se pensa em reduzir o deficit - o que se compreende - embora o relatório da Troika não seja sagrado, e as suas recomendações contenham, como todos os textos, diferentes

interpretações. Sabemos que são precisos cortes, austeridade, e muito dinheiro para pagar os juros dos empréstimos. Mas com bom senso e sentido patriótico de coesão nacional. Até agora foram atingidas fundamentalmente as classes médias/baixas, as pequenas e médias empresas e os mais pobres (desempregados, idosos com reduzidas pensões, etc.). Porém, o mais grave, é que não resta dinheiro para investir. Por isso, estamos a entrar numa recessão, que não nos deixa com qualquer horizonte de esperança. Para quê então os sacrifícios que estão a ser pedidos aos portugueses?

A União Europeia, com a crise a bater à porta de países como a Itália, a Espanha, a Bélgica e, talvez outros, finalmente, está a acordar para as suas responsabilidades. Como os Estados Unidos, depois do compromisso feito entre os democratas e os republicanos. A própria China e outros países emergentes temem que se caminhe para uma crise mundial de proporções nunca vistas. Será que não é possível travar a ganância dos mercados e a irresponsabilidade das agências de rating?

É difícil imaginar que os responsáveis políticos sejam tão incapazes que se recusem a ver a realidade da situação. Se

acordarem, a situação portuguesa poderá resolver-se por si. E a Troika deixaria de ter sentido.

Vau, 11 de Agosto de 2011